

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 121344
Título: Douro – Da celebração à missão, por Carlos Lage					Temática: Generalista	GRP: 11.7
2006/12/22	JORNAL DE NOTICIAS – ESPECIAL	Pág.62	Imagem: 1/1		Periodicidade: Sem periodicidade	Inv.: 3400.00



Carlos Lage

Encarregado da Estrutura de Missão para a Região Demarcada do Douro

Douro: da celebração à missão

Preferiria evitar neste depoimento as protocolares, embora muito justas, declarações de exaltação à região do Douro e, em particular, ao seu imenso coração vinhateiro, que muito merecidamente recebeu, faz cinco anos, o reconhecimento internacional, através da UNESCO e do seu título de “Património da Humanidade”.

Por um lado, porque a tarefa de homenagem a esse território heróico e aos homens e mulheres que corajosa e visionariamente o (re)criaram parece estar, à partida, condenada pela própria magnificência da sua realidade paisagística e cultural e pelo espanto (ou o “assombro”, segundo Torga) que suscita nos que a conhecem. Fica-se irresistível e permanentemente aquém. Por outro lado, porque, muito provavelmente, do Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) esperar-se-á uma mensagem que exceda o epifenómeno do tributo, por muito justo, oportuno e promocional que seja. (E, no caso do Vale do Douro, esse tributo afigura-se-nos como imperativo.)

Uma “paisagem cultural, evolutiva e viva” é assim definido o Alto Douro Vinhateiro, no quadro da sua classificação pela UNESCO. Território sobre-humano, de tão sacrificial parecer a empresa da sua arquitectura; dono de um rio generoso, ibérico e tantas vezes violento, que lhe deu nome e identidade; solo criador de vinhos de excepcional qualidade, cuja notoriedade internacional vem de há séculos sob a égide do Vinho do Porto, mas também de outros bens e produtos; guardião das obras e das memórias de culturas inventivas e progressistas como a dos monges brancos de Cister; origem de famílias e personalidades empreendedoras; promissor destino turístico de nível mundial; tudo isto – e muito mais! – é o Douro, o seu vale e as suas gentes. E é essa vibrante condição – histórica e actual, patrimonial e viva – que me faz recusar a noção tantas vezes pública e publicada de que pesa sobre esta região uma espécie de fatal condenação. Pelo contrário. Apesar das dificuldades (algumas das quais comuns ao país) e dos riscos a que a paisagem duriense se encontra sujeita ainda, acredito que o Douro está irresistivelmente votado ao que comumente se designa de “sucesso”, pela afirmação, desde logo, do seu potencial intrínseco de riqueza e empreendedorismo.

Na vida, como na economia ou na política, não existem soluções mágicas, poderes taumatúrgicos. A Estrutura de Missão para a Região Demarcada do Douro, criada a 31 de Agosto de 2006 por decisão do Governo de Portugal, que acometeu ao Presidente da CCDR-N a responsabilidade da sua coordenação, não será, seguramente, “a resposta” para os problemas do Douro, mas “uma solução” de natureza institucional num conjunto de soluções. Uma ferramenta, portanto, no contexto de um conjunto de ferramentas. E a sua acção visará muito mais – ou muito menos – do que a realização de um “plano de actividades” ou o exercício de um conjunto de competências administrativas. Deverá, antes, ajudar a organizar, a potenciar, a promover as intervenções das instituições do Douro e o desempenho do seu sistema económico. Enfim, ajudar a gerar mais escala e mais valor de forma sustentável!

Com efeito, a chave do desenvolvimento e da competitividade da região do Douro radica na sua própria identidade e no seu potencial – territorial, cultural, económico e humano – tão significativos. Isto é um lugar comum, mas tem de ser compreendido de forma consequente por aqueles que vivem e trabalham no Douro e em prol do seu desenvolvimento – instituições, autarquias, investidores, empresas, serviços e cidadãos – e, desde logo, na protecção da paisagem e arquitecturas classificadas:

No acto inaugural das comemorações dos 250 anos da Região Demarcada, a 31 de Agosto de 2006, o Primeiro-Ministro de Portugal encontrou numa espécie de quadrilátero estratégico uma fórmula feliz para a visão que se abre para o desenvolvimento do Douro: “Vinho, Cultura, Turismo, Ambiente”.

No termo dos cinco anos de classificação do Douro Vinhateiro Património da Humanidade e tendo já por horizonte o ano de 2007, formulo também, como se de um voto se tratasse, um outro quadrilátero, de natureza porventura mais instrumental, mas não menos decisivo na acção que a todos nos é pedida, expresso em quatro verbos: Organizar (os recursos e as intervenções), Valorizar (o sistema produtivo, a paisagem, as instituições), Empreender (actividades económicas, investimentos e promoção) e Cooperar (adquirindo massa crítica, dimensão e mais coerência).

A Estrutura de Missão será uma ferramenta entre outras ferramentas